



Laços latino-americanos: correspondências entre Antonio Candido e Ángel Rama

Maria Caroline Marmerolli Tresoldi¹

RESUMO

O texto em questão resenha o livro **Un proyecto latinoamericano: Antonio Candido & Ángel Rama**, cujo prefácio e as notas de edição são do crítico uruguaio Pablo Rocca. Trata-se de um livro de correspondências, durante pouco mais de duas décadas, entre Antonio Candido e Ángel Rama, dois dos mais destacados críticos literários do Cone Sul. A despeito de uma ou outra nota da vida pessoal de ambos, no diálogo cruzado se sobressai o desenho de seus projetos intelectuais e, por meio deles, o leitor é convidado a acompanhar algumas cenas da história intelectual latino-americana.

Palavras-Chave: Antonio Candido, Ángel Rama, América Latina, Literatura e Sociedade.

Recebido em 14/07/2018

Aceito para publicação em 14/09/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i2.20704>

Introdução

Entre os anos de 1960 e 1983, o crítico brasileiro Antonio Candido e o crítico uruguaio Ángel Rama trocaram cartas, cartões postais e telegramas, compartilhando ideias, projetos, ensaios, revistas e livros; além de combinarem encontros e seminários. Por meio do diálogo cruzado entre ambos, é possível acompanhar suas trajetórias intelectuais, os itinerários de um círculo de acadêmicos e artistas com quem conviveram, e adentrar algumas cenas da história intelectual latino-americana durante um período político conturbado que agitou a América Latina, no contexto da Revolução Cubana (1959) e dos desdobramentos de golpes militares. Essas correspondências vêm a público, de modo inédito, no livro **Un proyecto latinoamericano: Antonio Candido &**

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da mesma instituição. E-mail: carolinetresoldi@gmail.com

Ángel Rama.²

A primeira carta arquivada, de um conjunto de 87, data de abril de 1960. Escrita na cidade de Assis por Antonio Candido, ela responde Ángel Rama, que havia lhe enviado uma edição da revista **Marcha**, na qual o brasileiro concedeu uma entrevista logo após ditar um conjunto de conferências na Universidade da República, em Montevideo, em fevereiro de 1960. Naquele contexto, Candido já era uma figura importante no cenário intelectual brasileiro, considerado um dos principais renovadores da crítica literária universitária. Autor de livros e de notas publicadas em jornais paulistas de ampla circulação, ele ministrava aulas de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Assis, interior do Estado de São Paulo, onde permaneceu entre 1958 e 1960, completando sua passagem formal das ciências sociais aos estudos literários. Ángel Rama, por outro lado, um pouco mais novo que o brasileiro e com uma formação mais informal e autodidata, desempenhava diferentes funções para ganhar a vida, como professor de educação média e colaborador de jornais e periódicos. Suas principais atividades intelectuais se concentravam na revista **Marcha**, da qual foi diretor da seção literária entre 1959 e 1968.

Antes de conhecer Antonio Candido em Montevideo, o crítico uruguaio tinha como horizonte os debates sobre a produção literária na e da América Latina, e procurava, através da **Marcha**, estreitar laços e intercâmbios entre intelectuais de diferentes países da região, mas desconhecia a vida literária e cultural brasileiras. O contato com o crítico brasileiro, então, abriu novos caminhos. Na primeira carta enviada por Candido, por exemplo, ele remete o Suplemento Literário do jornal **O Estado de São Paulo**, e Rama agradece salientando que poderia conhecer pelo menos as novidades da crítica da imprensa paulista. Do mesmo modo, a aproximação com o uruguaio abriu novas possibilidades para o crítico brasileiro, que aos poucos vai incorporando entre seus projetos algumas notas sobre a literatura na América Latina; e ajuda organizar diferentes encontros e seminários com destacados intelectuais para discutir as possíveis relações entre a literatura brasileira e as literaturas hispano-

² O livro foi publicado em espanhol no ano de 2016 pela editora Estuario de Montevideo. As cartas do crítico brasileiro foram escritas em português e vertidas ao espanhol pela filha do crítico uruguaio, Amparo Rama Vitale. Além das cartas trocadas entre Candido e Rama, o livro reúne, em um de seus anexos, 12 correspondências entre o crítico uruguaio e Gilda de Mello e Souza, esposa de Candido. A edição do livro em português foi lançada em 2018 pela editora Ouro sobre Azul, com o título: *Conversa cortada – A correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama*.

americanas.³ Avançando no conjunto das correspondências, a despeito de uma nota ou outra mais próxima da vida individual e familiar de ambos, o que se sobressai são justamente os interesses “latino-americanos” que vão se consolidando e se espalhando em diversos ramos, na medida em que a admiração e a amizade entre eles se fortalece.

Os laços “latino-americanos” partilhavam de uma afinidade: o compromisso (público) de investigar a matéria literária sem ignorar a vida social e política que informam o substrato literário, algo nem sempre frequente naqueles anos em que o *new criticism* ainda era voga na teoria literária. Em 1967, Rama escreve ao amigo brasileiro contando que começou a desenvolver atividades no Departamento de Literatura Hispano-americana da Universidade da República, e estava colaborando com uma revista cujo programa era problematizar as relações entre arte e sociedade, tão centrais no projeto do amigo brasileiro. Na ocasião, o uruguaio pede uma contribuição sobre um tema da literatura brasileira. Na resposta, Candido comenta que estava preparando um curso na pós-graduação de Literatura Comparada, sobre romances políticos latino-americanos, e manifesta a satisfação em ver o amigo na Cátedra de Literatura Hispano-Americana, espaço que poderia conferir um ambiente adequado para desenvolver novas investigações sobre problemas latino-americanos. Nas palavras do brasileiro: “*a união [dos países da América Latina] se processa em todos os níveis, e a literatura tem um valor que não se pode menosprezar*” (p.47). Pouco depois, o brasileiro remete o texto “Ser jagunço em Guimarães Rosa”, que é publicado em 1970 na **Revista Iberoamericana de Literatura**.

Ainda no ano de 1967, Rama relata ao amigo que na cidade de Lima, no Peru, aconteceu uma reunião de representantes da Unesco, destinada a organizar um plano de estudos sobre as culturas latino-americanas (no âmbito da literatura, das artes plásticas e da música), cujo objetivo era oferecer “*uma nova imagem das nossas culturas*” (p.48). Rama sugere o nome de Antonio Candido para assessorar o comitê organizador sobre o debate brasileiro, e observa a importância do projeto para pensar a literatura não apenas a partir dos vínculos entre o nacionalismo e o cosmopolitismo, mas também por meio das mediações

³ Em setembro de 2006, ao aceitar o título de doutor *honoris causa* concedido pela Universidade da República, Antonio Candido lembrou que quando conheceu Ángel Rama, em 1960, o uruguaio observava a “*necessidade de desenvolver ao máximo os intercâmbios com os escritores e artistas da nossa América, que naquele tempo estavam pouco inclinados a uma comunicação direta e dependiam muito da mediação dos países centrais*” (p.170). O discurso de Candido compõe o segundo anexo de **Un proyecto latinoamericano**.

entre o regional e o continental. Trata-se de um dos primeiros encontros organizados por intelectuais “latino-americanos” para fomentar uma discussão, no âmbito da cultura, acerca de questões mais ou menos compartilhadas pelos países da região.

Nas cartas seguintes temos notícias de novos encontros entre intelectuais “latino-americanos. No final de 1971, Rama escreve ao amigo brasileiro de San Juan, na Universidade de Porto Rico, onde ditava um curso como professor visitante. O uruguaio comenta animado que participou de uma reunião de trabalho em Santiago do Chile, ao lado de críticos literários e professores que estudavam as possibilidades de criarem um novo comitê continental para discutir “*literatura e sociedade*” e examinar “*a literatura na transformação social da América Latina*”. O uruguaio pede que o colega sugira nomes que representassem outras linhas de força da crítica literária de inspiração sociológica, como o marxismo. Além de indicar nomes para a reunião e salientar a importância do empreendimento, Candido menciona que escreveu o ensaio “*Literatura y subdesarrollo*” para o projeto da Unesco, que o uruguaio indicara seu nome.⁴

Olhando para o conjunto das correspondências entre 1973 e 1974, após encontro entre os críticos em um seminário na Universidade de Boom, organizado por Rafael Gutiérrez Girardot, a amizade entre os dois parece se estreitar. Nas cartas deste período, o leitor é convidado a conhecer a história da revista **Argumento**, na qual o brasileiro colaborou no contexto da ditadura militar. Ángel Rama participou de reuniões do comitê editorial quando esteve no Brasil para ministrar seminários na Universidade de São Paulo, em 1974, e publicou o texto “Un proceso autonómico: de las literaturas nacionales a la literatura latinoamericana” no terceiro número da revista. Nas cartas, o uruguaio se compromete a procurar mais materiais “latino-americanos” para a parte literária da revista, e pede exemplares para poder distribuir entre colegas da imprensa e do meio intelectual, de modo a informar sobre questões brasileiras e aprofundar os intercâmbios de ideias. Antonio Candido comenta, em uma das cartas seguintes, que o terceiro número de *Argumento* saiu com uma tiragem de 25.000 exemplares e se esgotou imediatamente, o que era sugestivo do interesse dos leitores por uma publicação crítica e de oposição ao regime militar.⁵

⁴ O ensaio foi publicado pela primeira vez em 1972, no volume coletivo **América Latina en su literatura**, organizado por César Fernández Moreno.

⁵ Em setembro de 1975, Antonio Candido comenta com Ángel Rama que os intelectuais brasileiros que colaboravam com **Argumento** entraram com recurso no Supremo Tribunal Federal para tentar reverter a situação da revista, impedida de ser publicada pela censura da

Além de trocarem notícias sobre **Argumento**, essas cartas avançam nas discussões sobre a organização de projetos mais sistemáticos para pensar a literatura latino-americana. Segundo Ángel Rama, era preciso formar uma “*equipe coerente e séria*”, na tarefa de “*pensar a nossa cultura e nossa América*” (p.64). De certo modo, um importante passo é dado a partir do final de 1974. Neste ano, Ángel Rama remete uma carta de Caracas, onde se encontrava exilado desde 1973, pedindo a colaboração de Candido para um “*grande projeto*” editorial, comprometido em publicar volumes dedicados a autores clássicos e contemporâneos da região. Apresentava ao brasileiro, mais precisamente, o projeto da Biblioteca Ayacucho, fundação que surgiu com sede na Venezuela e com patrocínio do governo local, tendo como presidente José Ramón Medida e Ángel Rama como diretor literário.

Antonio Candido foi o principal nome a colaborar com a parte brasileira do projeto, e aceitou prontamente o convite para ir a Caracas e formar parte do conselho da Biblioteca. Na carta enviada ao amigo uruguaio, faz uma lista preliminar de obras antigas e modernas (de ficção, de poesia e de pensamento social) que não deveriam faltar. Registra, notadamente, nomes como de Machado de Assis, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto etc. Além disso, sugere a publicação de ensaios de interpretação do Brasil, como: *Os sertões*, de Euclides da Cunha; *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre; *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Jr.; *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado; e algum dos livros de Sérgio Buarque de Holanda. A seleção do “grande crítico” brasileiro, aqui, forma os cânones que seriam apresentados em traduções ao espanhol para os colegas hispano-americanos.

Em decorrência do clima político agitado, a comissão brasileira não conseguiu participar do primeiro encontro organizado na Venezuela, que ocorreu no final 1975. Rama sugere, então, a organização de uma pequena reunião na USP (ou no espaço do Cebrap) para discutir a participação das obras e dos autores brasileiros na Biblioteca Ayacucho. Nos anos seguintes, as correspondências entre os críticos versam principalmente sobre os projetos de tradução de autores brasileiros para o empreendimento, e a indicação de nomes

ditadura militar. O recurso, entretanto, não foi sequer avaliado. Para o brasileiro, o fato se configurava como decisão histórica que abria caminhos para as autoridades policiais usarem poderes excepcionais contra quaisquer publicações críticas. Anos mais tarde, Candido reconhece nas correspondências com o amigo que a revista poderia ter sido um bom instrumento de abertura do Brasil à América Latina.

para organizar as coleções, selecionar os textos, fazer notas e escrever prefácios. O diálogo entre os críticos revela o exaustivo trabalho coletivo envolvido na preparação de cada coleção, bem como algumas de suas dificuldades.

No ano de 1977, Candido menciona que estava ensinando em Campinas, no interior do estado de São Paulo. No conjunto das cartas trocadas durante esse ano é possível notar passos importantes da criação do Instituto de Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas, que Candido ajudou a coordenar, formando a equipe da cadeira de Teoria Literária. O brasileiro convida o crítico uruguaio para falar sobre alguns projetos em Campinas; e, mais precisamente, no início de 1979, anuncia seu projeto de um núcleo de atividades na Unicamp: “(...) *para iniciar, encontros, intercâmbios de ideias, seminários, visitas, projeto de biblioteca. No futuro, quem sabe, algo mais importante*” (p.116). Ángel Rama, escrevendo de Washington, aceita o convite e pede ao amigo para falar mais sobre o projeto. Além disso, concorda com nomes indicados por Candido para participar da reunião, como os de Noé Jitrik e Néstor Garcia Canclini, e inclui também o nome do peruano Antonio Cornejo Polar e o colombiano Rafael Gutiérrez Girardot. Na resposta Candido sublinha que o projeto ainda era vago – poderia se tornar um departamento ou centro de pesquisa, ou apenas o hábito de ter professores hispano-americanos na universidade. O objetivo principal da reunião, comenta o brasileiro em outra carta, era abrir um espaço para intercâmbios de ideias e diálogos que pensassem a literatura brasileira ao lado de outras literaturas dos países do continente. Se as reuniões científicas entre os críticos latino-americanos ainda eram esporádicas e encontravam dificuldades pelo contexto de repressão aos intelectuais de esquerda, Candido aponta a importância de avançar no projeto idealizado pelo amigo uruguaio, com colaborações em várias mãos.

Ainda no ano de 1979, somos convidados a entrar em mais uma cena dos debates sobre a literatura latino-americana. Dessa vez, Rama convida o crítico brasileiro para participar do seminário “El advenimiento de la Nueva Narrativa Latinoamericana, 1950-1975”, com apoio do Programa Latino-americano do Wilson Center, em Washington. A reunião procurava refletir sobre o “*impressionante crescimento da nova narrativa latino-americana, dentro dos processos culturais e sociais mais amplo da qual é resultado*” (p.122), e contaria não apenas com críticos literários, mas também escritores e cientistas sociais. Antonio Candido não consegue participar do congresso por questões burocráticas de visto, mas sugere o nome de Roberto Schwarz para ler o artigo que havia enviado. Anos mais tarde, o ensaio foi publicado no volume organizado por Ángel Rama, **Mas allá del boom** (1984).

Nas últimas cartas, no início dos anos de 1980, temos notícias sobre a reunião organizada por Antonio Candido em Campinas, e o diálogo começa a se tornar dramático para o leitor que sabe que as correspondências foram cortadas de modo inesperado com a morte prematura do crítico uruguaio, em 1983. Somos informados que as “Jornadas de Literatura Latino-americana”, na Universidade Estadual de Campinas, discutiram a integração ou a marginalidade da literatura brasileira em relação às demais literaturas da região, bem como os métodos de análise disponíveis aos estudos literários. É principalmente nesse momento que ocorre um conjunto de trocas mais estreitas entre críticos e intelectuais latino-americanos, e se começa a desenhar o projeto coletivo “História da Literatura Latino-americana”, patrocinado pela Unesco, e com o apoio de diferentes centros e universidades. O projeto começa a ser desenvolvido de modo mais sistemático em 1982, quando se organiza, em Caracas, um encontro para levar adiante a investigação coletiva. Rama, impedido de deixar os Estados Unidos, onde era classificado de “*subversivo*” (p.136), não comparece na primeira reunião, mas, ao receber os esboços do projeto, faz sugestões e comenta com o amigo a necessidade de desenvolver um “comparativismo obrigatório”, que lhe parecia ausente o desenho inicial.

Em Paris, onde estava em seu terceiro exílio forçado, Ángel Rama enviou uma última carta ao amigo brasileiro, em 18 de outubro de 1983. O crítico uruguaio, que àquela altura era reconhecido como um dos principais intelectuais latino-americanos, agradece a Antonio Candido pela hospedagem em São Paulo, na ocasião do encontro organizado na Unicamp para avançar no projeto “História da Literatura Latino-americana”, sob coordenação da crítica chilena Ana Pizarro. Anos depois, no início de 1990, aparecem três volumes de ensaios com os resultados do projeto, compilados na coletânea **América Latina: palavra literatura e cultura**, cujas contribuições procuram alargar os limites do cânon para além do realismo tradicional.⁶

De modo geral, os diferentes projetos do período sobre o “latino-americano” sugerem que a América Latina é um anseio, um lugar social, um

⁶ O primeiro volume da coletânea compreende a “situação colonial”; o segundo é dedicado “a emancipação do discurso”; e o terceiro volume é sobre “vanguarda e modernidade”. Algumas notas das reuniões do grupo podem ser conferidas nos livros organizados também por Ana Pizarro: **La literatura latinoamericana como proceso** (1985); e **Hacia una historia de la literatura latinoamericana** (1987). O primeiro livro corresponde ao encontro de 1982, na Universidad Simón Bolívar, em Caracas, enquanto o segundo recupera as falas dos participantes do encontro de 1983, na Universidade Estadual de Campinas. Importa ressaltar que, a despeito das dificuldades comparativas encontradas na realização do projeto, esse é o primeiro momento em que o Brasil e o Caribe são incluídos na historiografia literária latino-americana.

espaço mais simbólico do que geográfico, que pode ou não incluir o Brasil e o Caribe. Esse espaço social comportou diferentes momentos de fermentação intelectual, cultural e política, sobretudo a partir da metade do século XX, quando um conjunto de atores e de instituições tinham em seu horizonte pensar a América Latina como problema. Aqui, temos algumas pistas e indícios que demonstram que Antonio Candido e Ángel Rama foram nomes centrais para estreitar laços e colaborações entre latino-americanos no âmbito da crítica literária e cultural. Ainda que os críticos tenham desenvolvido diferentes projetos individuais paralelos e que um exame mais detalhado de suas formulações teóricas e metodológicas sugira finas diferenças entre ambos, acompanhar as correspondências permite acessar algumas cenas da vida intelectual latino-americana (ou, talvez, mais precisamente, brasileira, uruguaia e venezuelana).

Em outras palavras, os diferentes laços entre intelectuais latino-americanos que vão sendo tecidos durante o período (entre os regimes militares e os processos de transição democrática – que ainda não se encerraram), permitem construir imagens (críticas e muitas vezes criativas) da região latino-americana “vista de perto”. No caso da relação entre Antonio Candido e Ángel Rama, isso significa pensar a América Latina a partir de sua literatura, em um movimento que procura conectar presente, passado e futuro. Nesse sentido, é instigante o fato de que Antonio Candido, que trocou correspondências com diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros, só tenha autorizado a publicação em vida das cartas trocadas com Ángel Rama. Talvez seja a consciência de que, na forma-diálogo, seja possível acompanhar um movimento vivo da crítica literária praticada no cenário latino-americano, dando acesso aos processos sociais e políticos mais amplos nos quais ideias e projetos individuais foram gestados. Não deixa de ser um convite aos leitores para estreitar colaborações intelectuais com nossos vizinhos latino-americanos, que possibilitem pensar um universo dinâmico de problemas e de questões que talvez seja mais ou menos compartilhados.

Referências

RAMA, Ángel e CANDIDO, Antonio. **Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Angel Rama**. Correspondencia. Ed. Pról.; e notas de Pablo Rocca. Montevideo: Estuario, 2016

Latin American ties: correspondences between Antonio Candido and Ángel Rama

ABSTRACT

The text in question summarizes the book **Un proyecto latinoamericano: Antonio Candido & Ángel Rama**, whose preface and the edition notes are from the Uruguayan critic Pablo Rocca. It is a book of correspondences, for little more than two decades, between Antonio Candido and Ángel Rama, two of the most outstanding literary critics of the Southern Cone. In spite of one or another note of their personal life, in the the design of their intellectual projects stands out and through them the reader is invited to follow some scenes of Latin American intellectual history.

Keywords: Antonio Candido, Ángel Rama, Latin America, literature and society.